



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 22 de maio de 2019

[Multimídia]

Catequese sobre o "Pai Nosso": 16

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje concluímos o ciclo de catequese sobre o “Pai-Nosso”. Podemos dizer que a oração cristã nasce da audácia de chamar Deus com o nome de “Pai”. Esta é a raiz da oração cristã: dizer “Pai” a Deus. Mas é preciso coragem! Não se trata tanto de uma fórmula, quanto de uma intimidade filial na qual somos introduzidos por graça: Jesus é o revelador do Pai e doa-nos a familiaridade com Ele. «Não nos deixa uma fórmula para ser repetida maquinalmente. Como em toda a oração vocal, é pela Palavra de Deus que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar ao seu Pai» (*Catecismo da Igreja Católica*, 2766). O próprio Jesus usou diversas expressões para rezar ao Pai. Se lermos com atenção os Evangelhos, descobrimos que estas expressões de oração que afloram aos lábios de Jesus evocam o texto do “Pai-Nosso”.

Por exemplo, na noite do Getsémani Jesus reza deste modo: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres» (*Mc 14, 36*). Já recordamos este texto do Evangelho de Marcos. Como não deixar de reconhecer nesta prece, mesmo sendo breve, um vestígio do “Pai-Nosso”? No meio das trevas, Jesus invoca Deus com o nome de “Abbá”, com confiança filial e, mesmo sentindo medo e angústia, pede que se cumpra a sua vontade.

Noutros trechos do Evangelho Jesus insiste com os seus discípulos, para que cultivem um espírito de oração. A prece deve ser insistente, e sobretudo deve incluir a recordação dos irmãos, sobretudo quando vivem relações difíceis com eles. Jesus diz: «Quando vos levantais para orar,

se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe primeiro, para que o vosso Pai que está no céu vos perdoe também as vossas ofensas» (*Mc 11, 24-25*). Como não reconhecer nestas expressões a concordância com o “Pai-Nosso”? E os exemplos poderiam ser numerosos, também para nós.

Nos escritos de São Paulo não encontramos o texto do “Pai-Nosso”, mas a sua presença emerge naquela síntese maravilhosa na qual a invocação do cristão se condensa numa só palavra: “Abbá!” (cf. *Rm 8, 15; Gl 4, 6*).

No Evangelho de Lucas, Jesus satisfaz plenamente o pedido dos discípulos que, vendo muitas vezes que Ele se afasta e se imerge na oração, um dia decidem-se a pedir-lhe: «Senhor, ensina-nos a orar, como João — o Batista — também ensinou os seus discípulos» (11, 1). E então o Mestre ensinou-lhes a oração ao Pai.

Considerando o Novo Testamento no seu conjunto, vê-se claramente que o primeiro protagonista de cada oração cristã é o Espírito Santo. Mas não esqueçamos isto: protagonista de cada oração cristã é o Espírito Santo. Nós nunca poderíamos rezar sem a força do Espírito Santo. É Ele que reza em nós e nos move a rezar bem. Podemos pedir ao Espírito que nos ensine a rezar, pois ele é o protagonista, aquele que faz a verdadeira oração em nós. Ele sopra no coração de cada um de nós, que somos discípulos de Jesus. O Espírito torna-nos capazes de rezar como filhos de Deus, como realmente somos mediante o Batismo. O Espírito faz-nos rezar no “sulco” que Jesus escavou para nós. Este é o mistério da oração cristã: por graça somos atraídos naquele diálogo de amor da Santíssima Trindade.

Jesus rezava assim. Algumas vezes usou expressões que certamente estão muito distantes do texto do “Pai-Nosso”. Pensemos nas palavras iniciais do salmo 22, que Jesus pronuncia na cruz: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (*Mt 27, 46*). Pode o Pai celeste abandonar o seu Filho? Claro que não. Contudo o amor por nós, pecadores, levou Jesus até este ponto: até experimentar o abandono de Deus, a sua distância, pois assumiu sobre si todos os nossos pecados. Mas também no grito angustiado, permanece o «*meu Deus, meu Deus*». Naquele “meu” está o núcleo da relação com o Pai, está o fulcro da fé e da oração.

Eis por que, a partir deste fulcro, um cristão pode rezar em qualquer situação. Pode assumir todas as orações da Bíblia, especialmente dos Salmos; mas pode rezar também com tantas expressões que em milénios de história brotaram do coração dos homens. E ao Pai nunca deixemos de falar dos nossos irmãos e irmãs em humanidade, para que nenhum deles, sobretudo os pobres, permaneça sem uma consolação nem uma porção de amor.

No final desta catequese, podemos repetir aquela oração de Jesus: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (*Lc 10, 21*). Para rezar devemos fazer-nos pequeninos, para que o Espírito

Santo venha em nós e seja Ele quem nos guia na oração.

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, nomeadamente ao grupo da “Rádio Renascença” e aos diversos grupos de brasileiros. São muitos hoje! Neste mês dedicado à Virgem Maria, buscai contemplar mais intensamente a face do Senhor Jesus com a oração do Terço, para que Ele seja o centro dos vossos pensamentos, das vossas ações, da vossa vida. Queria também saudar o Cardeal Falcão, Arcebispo emérito de Brasília, que está festejando o septuagésimo aniversário de ordenação sacerdotal! Um belo exemplo! Obrigado, Eminência, pelo seu testemunho.

Sexta-feira 24 de maio, celebramos a festa da Bem-Aventurada Virgem Maria “Auxílio dos Cristãos”, particularmente venerada na China no Santuário de “Nossa Senhora de Sheshan”, perto de Shanghai.

Esta feliz ocasião permite-me expressar especial proximidade e afeto a todos os católicos na China, os quais, entre fadigas e provações diárias, continuam a crer, a esperar e a amar.

Queridos fiéis na China, a nossa Mãe do Céu vos ajude a ser testemunhas de caridade e de fraternidade, mantendo-vos sempre unidos na comunhão da Igreja universal. Rezo por vós e abençoo-vos.

Rezemos juntos a Nossa Senhora: *Ave Maria...*